

TRIBUTO A MÁRIO DE ANDRADE: UMA RELEITURA DA GRAMATIQUINHA

TRIBUTE TO MÁRIO DE ANDRADE: A REVIEW OF THE GRAMATIQUINHA

Leonor Lopes Fávero (PUC-SP/USP)
Márcia A .G. Molina (UFMA)¹

RESUMO

Neste 2022, em que comemoramos cem anos da Semana de Arte Moderna, cujo marco inicial é a obra *Pauliceia Desvairada*, de Mário de Andrade, julgamos importante fazer um tributo a esse autor, figura proeminente nas artes brasileiras no primeiro quartel do século XX. Mário de Andrade foi escritor, musicista, poeta, crítico e, em seu “ensaio” a respeito da Língua Portuguesa, a que deu o nome de *A Gramatiquinha da Língua Falada*, demonstra o quão vanguardista era, apresentando questões que só viriam a ser discutidas de fato, nos últimos anos desse século. Exatamente pela importância do material é que objetivamos aqui dar a público um panorama da obra, apontando a sagacidade e o olhar cuidadoso do escritor sobre nossa língua, baseadas principalmente em Pinto (1990) e Almeida (2013).

Palavras-chave: Mário de Andrade. 100 anos. Semana de Arte Moderna. Gramatiquinha da Fala Brasileira.

ABSTRACT

In this 2022, in which we celebrate 100 years of “Semana de Arte Moderna” in Brazil, whose starting was *Pauliceia Desvairada*, by Mário de Andrade, we believe it is important to do a tribute to this author, a prominent figure in Brazilian arts in the first quarter of the 20th century. . Mário de Andrade was a writer, musician, poet, critic and, in his *essay* about the Portuguese language, which he named as *A Gramatiquinha da Língua Falada*, he demonstrates how avant-garde was, discussing issues that would only come to be discussed in fact in the last years of the 20th century. The importance of this material that we aim here to give the public an overview of the work, pointing out the writer’s sagacity and careful with our language, based on Pinto (1990) and Almeida (2013), mainly.

Keywords: Mário de Andrade. 100 years. Semana de Arte Moderna. A Gramatiquinha da Fala Brasileira.

Introdução

Neste 2022, em que se completam cem anos do lançamento de *Paulicéia Desvairada*, de Mário de Andrade, obra considerada o marco inicial do Modernismo Brasileiro, nada mais justo do que fazermos um tributo a seu autor.

¹ Endereço eletrônico: marcia.molina@ufma.br



Figura 1 – Foto de Mário de Andrade
Fonte: https://pt.wikipedia.org/wiki/M%C3%A1rio_de_Andrade

Embora praticamente desnecessário iniciar, como costumamos fazer, pelos *Dados do autor*, julgamos, nesta Introdução, importante lembrar a figura proeminente que foi Mário de Andrade, tendo ele navegado por várias áreas das artes: foi escritor, poeta, ensaísta musicólogo, etc. Inspirou-se no modernismo europeu e juntamente com Anita Malfatti, Tarsila do Amaral, Oswald de Andrade e Menotti del Picchia (o conhecido *Grupo dos Cinco*) organizaram a Semana de Arte Moderna, que veio a ocorrer no Teatro Municipal de São Paulo, em fevereiro de 1922.

Debochado, irônico, crítico e destemido, *Mário de Andrade, na Parábola, em A escrava que não é Isaura*, obra lançada em 1925² chega ao extremo de traçar um paralelismo entre seu gosto de escrever em parábolas ao de Jesus Cristo:

² Obra consultada: ANDRADE, Mário de. *A Escrava que não é Isaura*. Rio de Janeiro: Fronteira, 2010.

Começo por uma história. Quase parábola. Gosto de falar por parábolas como Cristo... Uma diferença essencial que desejo estabelecer desde o princípio: Cristo dizia: “Sou a Verdade.” E tinha razão. Digo sempre: “Sou a minha verdade.” E tenho razão. A Verdade de Cristo é imutável e divina. A minha é humana, estética e transitória. Por isso mesmo jamais procurei ou procurarei fazer proselitismo. É mentira dizer-se que existe em S. Paulo um igrejo literário em que pontifico. O que existe é um grupo de amigos, independentes, cada qual com suas idéias próprias e ciosos de suas tendências naturais. Livre a cada um de seguir a estrada que escolher. Muitas vezes os caminhos coincidem... Isso não quer dizer que haja discípulos pois cada um de nós é o deus de sua própria religião (A). Vamos à história!

Figura 2 – Trecho da Gramatiquinha p. 231

Nesse trecho também pode-se perceber sua relação com os colegas que constituíam o grupo de vanguardistas do modernismo brasileiro: lutava por ideias como as deles, mas julgava atuar de forma independente.

Crítico mordaz da conexão existente na época entre nossa cultura e as importadas, sobretudo da Europa, foi em sua casa que Oswald de Andrade fez a primeira leitura do *Manifesto antropofágico*, obra que, de maneira geral, busca valorizar elementos de nossa cultura.



Figura 3 – Manifesto Antropofágico

Reprodução de Rômulo Fialdini³

Em um de seus mais conhecidos livros, *Macunaíma*, com o subtítulo: *o herói sem nenhum caráter*, além de apresentar elementos do folclore nacional, traça um perfil bastante crítico do caráter do povo brasileiro e já se propõe a mostrar a **língua brasileira**, com características distintas das do português formal.

No *Prefácio interessantíssimo* de seu livro *Pauliceia Desvairada*, afirma:

Parece que sou todo instinto... Não é verdade. Há no meu livro, e não me agrada, tendência pronunciadamente intelectualista. Que quer você? Consigo passar minhas sedas sem pagar direitos. Mas é psicologicamente impossível livrar-me das injeções e dos tônicos. A gramática apareceu depois de organizadas as línguas. Acontece que meu inconsciente não sabe da existência de gramáticas, nem de línguas organizadas. E como Dom Lirismo é contrabandista... Você perceberá com facilidade que si na minha poesia a gramática às vezes é desprezada, graves insultos não sofre neste prefácio interessantíssimo. Prefácio: rojão do meu eu superior. Versos: paisagem do meu eu profundo. Pronomes? **Escrevo brasileiro**. Si uso ortografia portuguesa é porque, não alterando o resultado, dá-me uma ortografia (grifo nosso).

Sabemos que o Brasil do início do século XX vivia o *glamour* da *Belle Époque*, e, como já falado, importando muitos dos referenciais europeus, sobretudo em relação a aspectos sociais e culturais, embora já houvesse se tornado República.

Era contra esse simulacro da vida europeia e a língua, como sabemos, constitui marca, “carimbo” de identidade de um povo. Exatamente, pelo desejo de Mário de Andrade de “escrever brasileiro” e por defender uma identidade tipicamente nossa, buscando aproximar a fala da escrita, é que neste trabalho temos como objetivo fornecer aos leitores uma visão geral de sua *A Gramatiquinha da Fala Brasileira*⁴, obra inacabada, cujos manuscritos encontram-se no acervo do autor no IEB (Instituto de Estudos Brasileiros) da Universidade de São Paulo. Neste momento tão especial em que se comemora o centenário da Semana de Arte Moderna, queremos lembrar que o desejo do autor era tecer o que chamou de “ensaios gerais e generalizantes”, que viriam a defender uma autonomia linguística frente à Língua Portuguesa (PINTO, 1990), marcando efetivamente, nossa nacionalidade.

³ https://enciclopedia.itaucultural.org.br/obra35538/manifesto-antropofago?gclid=EAlaIQobChMI0a6hhL_c9QIVeEgaRCh2KqAjLEAAYASAAEgLy_vD_BwE

⁴ De agora em diante, nossa tendência será de chamá-la de *Gramatiquinha*, como se fez conhecida.

Usamos como suporte teórico, principalmente, as obras de Pinto (1990) e Almeida (2013)⁵.

Breve panorama d'A Gramatiquinha da Fala Brasileira

Como o que pretendemos aqui é fazer um tributo a Mário de Andrade, iniciaremos nossas discussões pelo final. Isso mesmo, pelo que veio a ser chamado de *Posfácio da Gramatiquinha*, afinal, apresentaremos aqui o que mencionou o autor em seu *Prefácio Interessantíssimo* de *Paulicéia Desvairada*. Reuniremos: “Alguns dados. Nem todos. Sem conclusões. Para quem me aceita são inúteis ambos. Os curiosos terão prazer em descobrir minhas conclusões, confrontando obra e dados. Para quem me rejeita trabalho perdido explicar o que, antes de ler, já não aceitou”.

Pois então, no *Pós-fácio* de sua *Gramatiquinha da Fala Brasileira* afirma Mário: “O importante não é aliás a vaidadinha de ter uma língua diferente: o importante é se adaptar, ser lógico com sua terra e o seu povo”. E este foi o propósito de sua empreitada: registrar o falar de nosso povo. Clamar por uma autonomia linguística que não causasse “estranheza”, mas diferenciasse o ser brasileiro de outros povos de Língua Portuguesa.

Trata-se mesmo de acabar o mais cedo possível com o ineditismo desses processos e de outros do mesmo gênero pra que todas essas expressões brasileiras, quer vocabulares, quer gramaticais passem a ser de uso comum, (...) na escritura literária, para que passem a ser estudados, catalogados, escolhidos, prá [sic]⁶ formação futura duma gramática (...) (ANDRADE apud PINTO, 1990, p.53).

Apesar disso, em outros momentos, sublinha que sua intenção não era escrever uma gramática, como se entende pelo termo, para ser adotada em escola. Pretendia ter a liberdade para mostrar o que efetivamente o povo fazia quando falava. E, parecendo já prever críticas futuras, adverte: “Este é um livro de ficção, e ninguém não aprende gramática nele, é lógico. Este livro, evidentemente, é pra quem já sabe e não pra grupos-escolares” (ANDRADE apud PINTO, 1990, p. 59).

Seu objetivo seria elaborar um registro que não buscasse “catalogar particularidades, mas em configurar o universal: para que fosse possível ‘escrever brasileiro’. E isso em termos de léxico, sintaxe e ritmo” (ANDRADE apud PINTO, 1990, p. 53).

⁵ Foi em Almeida (2013) que conseguimos os manuscritos aqui apresentados.

⁶ Manteremos a ortografia como apresentada por PINTO (*opus cit.*).

Importa recordar que *A Gramatiquinha* não chegou a ser editada; foi “organizada” por Edith Pimentel Pinto, que reuniu, separou e catalogou as anotações constantes em uma caderneta a que o autor intitulou de *Língua Brasileira*; 8 envelopes com anotações e denominados e folhas avulsas. Além desses documentos expressamente direcionados à obra, há outros: obras de outros autores cujas obras pertenceram a Mário de Andrade, como gramáticas de Língua Portuguesa, *O dialeto caipira* de Amadeu Amaral, *O linguajar carioca*, de Antenor Nascentes, *A língua do Nordeste*, de Mário Marroquim; obras de linguistas franceses, como *Le Langage*, de Vendryes e, inclusive, fragmentos de cartas pessoais dirigidas, por exemplo, a Pedro Nava e Drummond.

Pontuamos que, em muitas dessas anotações, sublinha que não tem nada contra a Língua Portuguesa de nossos amigos além-mar, pelo contrário, atesta, várias vezes, que seu compromisso é com nossa terra, nossa gente e costumes, com o nosso modo característico e diferenciado de falar:

Não se trata de nacionalismo reivindicador, minha gente. Isso é ridículo. Se trata de ser brasileiro e nada mais. E prá (sic) gente ser brasileiro não carece agora de estar se revoltando contra Portugal e se afastando dele. A gente deve ser brasileiro não para se diferenciar de Portugal, porém porque somos brasileiros (ANDRADE, apud PINTO, p. 49).

E como navegou por várias áreas do conhecimento, alerta no Prefácio: “me vi obrigado a me meter num despropósito de assuntos e por isso ficar na epiderme de todos eles. Sobre poesia, poética, prosa, psicologia, pintura e até linguagem escrevi” (apud⁷, ALMEIDA, *opus cit.*, p.19).

Parecendo salvaguardar-se de críticas futuras, em várias anotações esclarece: “Sou bem um leigo na matéria. Não tenho pretensão nenhuma”; “(...) embora estude com seriedade e constância a minha língua e a língua de meus antepassados, me parece cada vez mais que não sei nada dela” (PINTO, *opus cit.*, p. 45).

Em outras anotações, comenta a falta de uma obra que efetivamente registrasse nosso falar e, exatamente para atender a essa última empreitada é que se propôs a tal trabalho, não chegando, infelizmente, a concluí-lo, deixando-nos manuscritos dispersos, reunidos e “organizados”⁸, como já foi dito, por Edith Pimentel Pinto (*opus cit.*), como a seguir exemplificado:

⁷ Vivemos tempos de pandemia e, por isso, a biblioteca em que sem encontram os manuscritos está fechada.

⁸ Deixamos entre aspas porque a “organização” foi uma proposta da autora, podendo, outros estudiosos, futuramente, apresentar outra.

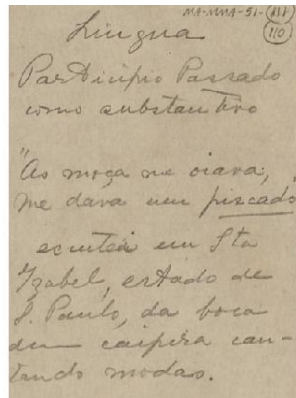


Figura 4 – Anotação que exemplificaria o uso do Participio Passado como Substantivo – ANDRADE, in ALMEIDA, p.3)

E

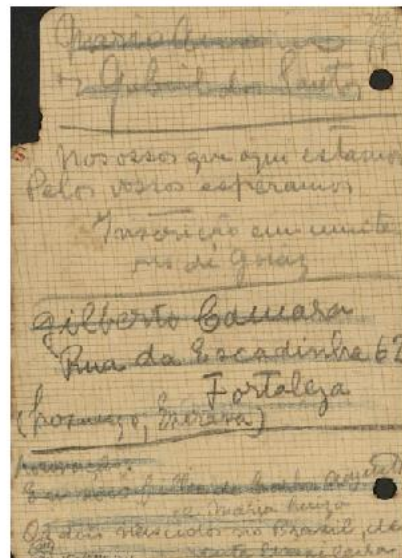


Figura 5 – Anotação, possivelmente, sobre concordância, ANDRADE, in ALMEIDA, p.43

Para finalizar esse panorama da obra, vale sublinhar que os referenciais teóricos que ampararam Mário de Andrade na e para a escritura de suas anotações reúnem uma série de autores tanto nacionais quanto estrangeiros, como o já citado Vendryes, Meillet e Dauzat.

Quanto aos autores nacionais, os também já referidos Antenor Nascentes, Amadeu Amaral, entre outros, e, possivelmente, em relação à partição do que foi chamado de Fonologia, pode ter se inspirado em Eduardo Carlos Pereira (PINTO, *opus cit.* p.107).

Dadas as fontes consultadas, julgamos verdadeira sua afirmação de que vinha estudando com afinco nossa língua, como veremos na sequência.

As partes e particularidades d'A Gramatiquinha da Fala Brasileira

Começamos esclarecendo que, entre suas anotações, há uma proposta de partição da *Gramatiquinha*, apresentada por Pinto (*opus cit.*, p. 311 e 312), que, para facilitar a leitura e discussões vindouras, aqui replicamos:

The image shows two pages of a handwritten index for 'Gramatiquinha da Fala Brasileira'. The left page is titled 'INDICE' and lists chapters under three main sections: FONOLOGIA, LEXEOLOGIA, and ESTILÍSTICA. The right page continues the list under the heading 'SINTAXE'. The chapters are numbered from I to XXX. At the bottom of the left page, there are two footnotes: '1. Rasurado: "Etimologia"' and '2. Rasurado: "Número"'. A large watermark 'VERBUM - ISSN 2316-3267' is visible diagonally across the pages.

Conteúdo	Capítulo
Introdução	Cap. I
FONOLOGIA	
Fonética (um só capítulo)	Cap. II
Prosódia	Cap. III
Ortografia (é melhor tudo num só capítulo)	Cap. IV
LEXEOLOGIA	
Palavra	Cap. V
Substantivo ¹ (substantivo ² propriamente dito)	Cap. VI
Pronome	Cap. VII
Verbo (substantivo verbal)	Cap. VIII
Adjetivo (substantivo qualificativo)	Cap. IX
Advérbio	Cap. X
Interjeições	Cap. XI
Partículas sintáticas	Cap. XII
SINTAXE	
Artigo	Cap. XIII
Partículas determinativas (adjetivos determinativos)	Cap. XIV
Numerais	Cap. XV
Preposições	Cap. XVI
Conjunções	Cap. XVII
Formação de palavras	Cap. XVIII
Diádo e seus elementos	Cap. XIX
Frases	Cap. XX
Emprego de substantivo	Cap. XXI
Psicologia do pronome	Cap. XXII
Psicologia da ação (verbo)	Cap. XXIII
Psicologia do limite (adjetivo, advérbio)	Cap. XXIV
Psicologia das partículas sintáticas	Cap. XXV
Pontuação	Cap. XXVI
ESTILÍSTICA	
Frases ou Versos	Cap. XXVII
Figuração	Cap. XXVIII
Vícios	Cap. XXIX
Prosas e Poesias	Cap. XXX
Psicologia da Fala Brasileira	Cap. XXXI

Figura 6 – Proposta de partição da Gramatiquinha

Na sequência, observam-se duas propostas de Prefácios.

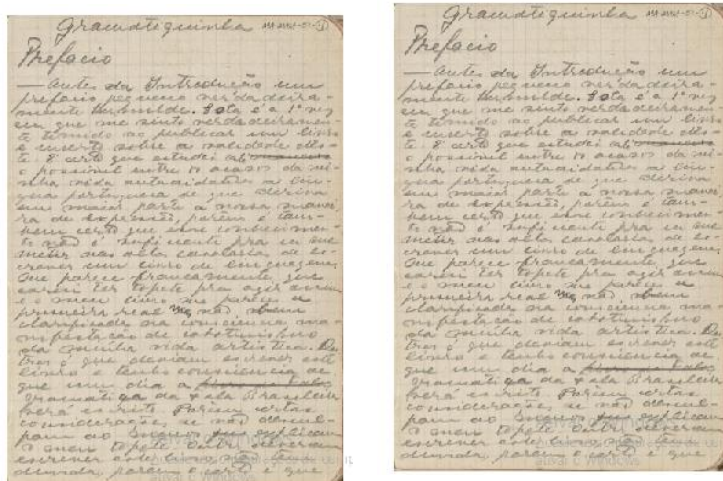


Figura 7 – Proposta de Prefácios, in ALMEIDA, *opus cit.*, p.91 e p.97 – excerto

No primeiro, confessa sua timidez ao realizar a empreitada:

Antes da Introdução um prefácio pequeno verdadeiramente humilde. Esta é a primeira vez em que me sinto verdadeiramente tímido ao publicar um livro e incerto sobre a validade deste. É certo que estudei até o possível entre os acasos da minha vida autodidática a língua portuguesa de que deriva a em maior parte a nossa maneira de expressão, porém é também certo que esse conhecimento não é suficiente pra eu me meter nas altas cavalarias de escrever um livro de linguagem (PINTO, p. 313).

Depois, criticando os que se propuseram e, de fato, deram a lume exemplares que tratam do nosso falar⁹, censura: “(...) os autores, como idealistas que são e não práticos, convidam, convidam porém principiam não fazendo o que convidam. Não tiveram 1 coragem” (*opus cit.*, p. 313).

Finaliza esse primeiro prefácio, de forma bastante subjetiva, “(...) que seria no mínimo ilusório considerar minha obra como manifestação duma arte, quando ela não passa da manifestação duma vida. Continuo sendo feliz”. (*opus cit.*, p. 314), atestando sua fidelidade aos ideais do grupo modernista a que se filiava, o Grupo dos Cinco, já mencionado.

No segundo Prefácio, começa estabelecendo a quem se dirigiria a obra:

⁹ Como os já citados de Nascentes, Amaral, etc.

Não se trata dum livro técnico nem para técnicos. Homem pra estes talvez sirva de alguma coisa porque geralmente são tão presos a leis e regras convencionais, tem um espírito crítico tão pequenininho e lerdo que a violência ingênua das minhas liberdades talvez contenha mais duma sugestão pros tais (p. 315).

E, claro, admoestando os autores fidelíssimos à gramática normativa e críticos mordazes a quaisquer “deslizes” praticados contra ela.

Continuando, cita Alencar, esclarecendo:

(...) seguindo a tradição e o exemplo bonito de José de Alencar, tive a franqueza de agir em vez de ficar no discurso ‘Irmãos, fazei’. Sempre tive horror ao ‘Sejamos!’, Eu sou. Assim fica entendido que isto não é uma obra científica (...)

Julgamos que aqui cabe recordar, primeiramente, em relação a José de Alencar que, em seu papel de crítico literário, por diversas vezes, apontou a necessidade da redação de algumas obras que mais se aproximassem do nosso falar.

Em “Carta aos Redatores” da Revista Lusa 20/11/1874 – in BECHARA, 1979, p.73) alerta:

Nós os brasileiros temos descurado inteiramente o máximo assunto da nacionalidade de nossa literatura; e por uma timidez censurável nos deixamos governar pela férula do pedagogismo português que pretende b monopólio da ciência e polimento de nossa língua (...) Somos nós, é o Brasil quem deve fazer a lei sobre a sua língua, o seu gosto, a sua arte e a sua literatura. Essa autonomia, que não exclui a lição dos mestres antigos e modernos, é não só um direito, mas sim um dever.

Citamos também as inúmeras manifestações publicadas por Alencar em relação ao poema *Confederação dos Tamoios*¹⁰, as quais vieram ensejar réplicas e trélicas como era de costume, condenando-o inclusive pela inserção de “brasileirismos” em suas obras.

Outro ponto a ser considerado é o “desabafo” feito por Mário de Andrade às críticas que já vinha recebendo, em relação à sua maneira de pensar a língua. Aponta ele:

(...) muita gente, até meus amigos, andaram falando que eu queria bancar o Dante e criar a língua brasileira. Graças a Deus não sou tão iguignorante (sic) nem tão vaidoso. A minha intenção única foi dar a

¹⁰ “As Cartas sobre a Confederação dos Tamoios – crítica ao poema épico de Gonçalves de Magalhães – foram inicialmente publicadas no Diário do Rio de Janeiro, do qual José de Alencar fora Redator-Chefe, sob o pseudônimo Ig., quando Alencar contava ainda 27 anos. A Enciclopédia de Literatura Brasileira, coordenada por Coutinho e Moutinho, assim aborda a publicação das Cartas”. Disponível em: <https://www2.senado.leg.br/bdsf/handle/id/242822>. Acesso em: 8 fev. 2022.

minha colaboração a um movimento prático de libertação importante [e] necessária (PINTO, p. 316).

Finalmente, em relação a este segundo Prefácio, bem mais longo¹¹ e denso, vale tentar hipotetizar o porquê de sua existência. Julgamos que, possivelmente, tenha sido para, primeiramente, convencer seus pares da necessidade de sua empreitada, já que lotado de argumentos acerca da necessidade de se escrever em Português brasileiro; e a segunda possibilidade tenha sido para mostrar que era suficientemente conhecedor da Língua Portuguesa (embora o negasse por diversas vezes), porque leitor assíduo dos clássicos:

Nenhum dos clássicos portugueses grandes deixei de ler *com paciência*. Alguns me foram até familiares como o doce Frei Luís de Sousa que (sic) eu gostava muito, Garret, Camões, Castelo Branco e Latino. Outros lia mais por obrigação (...) até a Benvinda de Macedo Papança¹², papei inteirinha (...) (PINTO, p. 317 e 318).

Hipotetizamos que veio a rascunhar dois prefácios, para, ao encerrar a escritura da *Gramatiquinha*, melhor escolher qual viria a constituir efetivamente a edição final.

Depois de finalizado o segundo Prefácio, vem a Introdução, como se verá na sequência, exatamente como se apresenta em suas anotações.

Introdução - Capítulo 1

*Início da Gramatiquinha*¹³

Nesta parte introdutória, Mário de Andrade escreve um recado a si mesmo, reforçando o que em outras vezes já o fizera: “Dizer que eu não falo de tudo o que continua na mesma. Salvo si me leva a reflexões íntimas especiais. Este é um livro de ficção e ninguém não aprende gramática nele, é lógico” (PINTO, *opus cit.*, p.325), reforçando o que julgamos ser um “anteparo” para as críticas que viriam, certamente, a ocorrer quando lançasse a obra.

¹¹ O primeiro tem uma página e meia; o segundo, três e um quarto.

¹² Poema dramático de cinco atos, de 1903.

¹³ Assim se apresenta nas anotações.

Depois, passa às dificuldades existentes do que hoje chamamos de “unidade” linguística, dadas as dimensões físicas do país:

Nesse monstro político existe uma língua oficial emprestada e que não representa nem a psicologia, nem as tendências, nem a índole, nem as necessidades nem os ideais do simulacro de povo que se chama povo brasileiro (PINTO, p. 321).

Continua, apontando algumas das variedades existentes em “regiões vastas” de nosso país, citando a língua hispano-paraguaia do sul, o japonês da cidade de Cotia (São Paulo), o alemão, de Santa Catarina, entre outras. Partindo, na sequência, para uma densa discussão acerca do que entende por Língua, afirma ele, por exemplo: “Língua é uma expressão espontânea do homem e ordenada unicamente pelas precisões inconscientes da fisiologia humana” (PINTO, p.322).

Mais à frente, questiona:

As línguas psicológicas já são instrumentos imperfeitos, que conferem os tratadistas, representam mal e convencionalmente o pensamentear (sic) da gente. Que se falar então dessa língua oficial que não pode ser psicológica pra nós, que é moda pura sem transformações nem mesmo exterior nenhuma? (lamentar esses mártires) Que resta de todas estas verificações iniciais e que com algum exagero de discriminação (sic) unicamente representam a nossa atualidade linguística brasileira ? Tem de tudo isso que se se entrecoca e sua no eito de se expressar um bafo gostoso, inda muito tenuinho é certo, que vai subindo pro céu (...)
(PINTO, p. 323- 324).

Não se conformava, pois, Mário de Andrade, com as imposições das normas da Língua Portuguesa, prescritas em obras, muitas das quais importadas, com regras tais e quais as usadas em Portugal, frente às variantes que ele, com muita acuidade, percebia.

Para Almeida (2013, p.66): “Coube, então, a Mario de Andrade transgredir a gramática e sufocar o poder que a ela lhe foi atribuído (...)”.

Destacamos que o mesmo desejo de transgressão, melhor, de não aceitação sem questionamento, dessa Língua que nos era imposta, já estava em Alencar, embora pareça o contrário.

Notemos a semelhança entre o ponto de vista de Mário e o que Alencar apresentou no pós-escrito de *Diva*:

O autor deste volume e do que o precedeu com o título de Lucíola sente a necessidade de confessar um pecado seu: gosta do progresso em tudo, até mesmo na língua que fala. Entende que sendo a língua instrumento

do espírito, não pode ficar estacionária quando este se desenvolve. Fora realmente extravagante que um povo adotando novas ideias e costumes, mudando os hábitos e tendências, persistisse em conservar rigorosamente aquele modo de dizer que tinham seus maiores. Assim, não obstante os clamores da gente retrógrada, que a pretexto de classicismo aparece em todos os tempos e entre todos os povos, defendendo o passado contra o presente; não obstante a força incontestável dos velhos hábitos, a língua rompe as cadeias que lhe querem impor, e vai se enriquecendo já de novas palavras, já de outros modos diversos de locução (ALENCAR, 1864 – Versão Digital da Biblioteca Nacional, p. 50).¹⁴

E, no pós-escrito de *Iracema*, lê-se: “...há uma nova tendência, não para a formação de uma nova língua, mas para a transformação profunda do idioma de Portugal” (p.169).

Em trabalho apresentado em 1992, Fávero assim se expressa: “Nem uma vez Alencar fala em língua brasileira, mas sempre em língua portuguesa, em dialeto brasileiro e em abasileiramento da língua portuguesa, não pretendendo criar uma língua brasileira, mas chamar a atenção para as transformações que aqui sofre” (FÁVERO, 1992).

Como vimos, quando se não cogitavam mudanças e variantes linguísticas, Alencar já se preocupava com essas questões, o que mais tarde, serviria de argumento para reafirmar o modo como Mário de Andrade compreendia a língua.

Seguem-se algumas anotações, que, possivelmente, viriam constituir o corpo desta Introdução, como: “Referir o caso do português no trem de Jaú para S. Paulo, que conversando com um menino brasileiro (...) O menino não compreendera (...) e o português desapontou o menino também e não chegaram à conclusão” (PINTO, p. 324).

Além de impulsionado por Alencar, vê-se em seu “conceito” de língua, forte influência de Vendryes (1921) para quem a linguagem é ao mesmo tempo una e múltipla e se diversifica nos seres que a falam.

Nos trechos finais, como num lembrete a si mesmo, alerta: “Mostrar que o perigo pra quem se mete numa coisa destas é principiar inventando coisas sem nenhuma ligação com a realidade existente” (*opus cit*, p. 326).

¹⁴ Disponível em: <http://objdigital.bn.br> > Livros_eletronicos>. Acesso em: 3 fev. 2022.

Capítulo 1

Inicia esta parte com uma afirmação que até hoje é debate em muitos eventos cujo tema é nossa língua: “Geralmente é um erro tirar exemplos de chamados clássicos, gente que viveu até quinhentos anos atrás de nós. A língua evoluciona e os exemplos devem ser tirados dos escritores bons atuais” (p.329). E questiona: “(...) quem cita os vivos a não ser o caso excepcional de Rui Barbosa aliás citado mais como tendência ou convite a tal maneiro de sintaxe do que como prova deste?” (p.330).

Na sequência, sugere que fossem chamados gramáticos contemporâneos (a ele) de valor, como Mário Barreto, João Ribeiro, Amadeu Amaral, para que esses pudessem estabelecer efetivamente as regras de sintaxe do falar tipicamente brasileiro.

Recordemo-nos de que Amadeu Amaral, autor de *O dialeto caipira*¹⁵, fez história com sua análise crítica a respeito do falar característico de São Paulo. Diz ele, na Introdução de sua obra:

Tivemos, até cerca de vinte e cinco a trinta anos atrás, um dialeto bem pronunciado, no território da antiga província de S. Paulo. É de todos sabido que o nosso falar *caipira* – bastante característico para ser notado pelos mais desprevenidos como um sistema distinto e inconfundível – dominava em absoluto a maioria da população e estendia a sua influência à própria minoria culta. As mesmas pessoas educadas e bem falantes não se podiam esquivar a essa influência (AMARAL, 1955, p. 39).

O desejo de Mário, reconhecendo a importância da obra de Amadeu Amaral para os estudos do português brasileiro e o desejo de que pessoas como ele fossem conclamadas a avaliar nossas gramáticas, parece ter ecoado através dos anos. Para a realização da Nomenclatura Gramatical Brasileira – NGB, foram chamados os grandes estudiosos da época para opinar e o resultado foi a uniformização da nomenclatura nas gramáticas portuguesas aqui publicadas¹⁶.

E novamente passa a discorrer sobre o que propõe: não é a dissociação Brasil x Portugal, mas, como diz: “Se trata de ser brasileiro e não nacionalista. Escrever naturalmente brasileiro sem nenhuma reivindicação nem queixa” (p.331).

¹⁵ 1ª edição de 1920; edição consultada de 1955.

¹⁶ Embora, como sabemos, tivessem apontado pouquíssimas diferenças entre o falar e o escrever.

E as partes subsequentes desta primeira são seguidas de observações nessa mesma toada.

A última observação constante em Pinto (*opus cit*) referente a essa parte, reforça:

- a) Principiar prefácio e durante o livro todo afirmar em refrão a minha ignorância da língua portuguesa (...) (p. 335)
- b) Na realidade não tem palavras que sejam integralmente catalogáveis dentro dessas categorias de substantivos, verbos e adjetivos e mesmo advérbios que os gramáticos inventaram (...)
- c) Uma passagem irônica sobre galicismo (...)
- d) Não falar nem uma vez em regras (...)

Ver Euclides da Cunha sobre Língua Brasileira no Prefácio do “Inferno Verde” do Godofredo Rangel¹⁷

- e) “A escravidão permanecerá por muito tempo como a característica nacional do Brasil” (J.Nabuco, Minha formação, p.216)
- f) Lívio Andronico, Pacúvio, Névio e principalmente Ênio são os que transformaram o termo *vulgaris* em fala literária, o latim que conhecemos (...) (p. 336)

Ou seja, ao fazer tais apontamentos, reforça, modestamente, seu “insuficiente” (só que não) em relação à Língua Portuguesa e critica o que sempre se vê em se tratando de aos povos: o domínio do conquistador sobre o conquistado, em nosso caso, em relação à língua.

Outra questão a ser apontada é que localizamos a obra *Inferno Verde*, com prefácio de Euclides da Cunha, escrita por Alberto Rangel, pernambucano, que fala do Amazonas, do início do século XX. Frente à estranheza que poderia causar nos leitores a forma como Rangel a redigiu utilizando-se, por vezes, de expressões regionais, Euclides da Cunha, afirmaria:

(...) Além disso Alberto Rangel é um assombrado diante daquelas cenas e cenários, e num ímpeto enfiado de sinceridade, não quis reprimir os seus espantos, ou retificar com a mecânica fria dos escreventes profissionais, a sua vertigem e as rebeldias da sua tristeza exasperada.

Fez bem; e fez um grande livro. Vão Respingar-lhe defeitos. (...) Quem penetrou tão fundo no âmago mais obscuro da nossa gens primitiva e rude, não pôde reaparecer à tona, sem vir coberto da vasa dos abismos.(...)

Antes de o exercitar em trabalhos desta espécie, cuja aparência anômala lhes advém de uma profunda originalidade, cumpre-nos não esquecer o

¹⁷ Na realidade o autor do livro a que se refere é Alberto Rangel e não Godofredo Rangel.

falso e o incharacterístico da nossa estrutura mental, onde, sobretudo preponderam reagentes alheios ao gênio de nossa raça. (...)

-- tecendo uma crítica a muitos dos intelectuais da época que mais queriam ser europeus que brasileiros.

O último apontamento em relação a essa parte alerta para que as pesquisas não fossem feitas somente entre pessoas que não tivessem o domínio do português padrão, mas entre os cultos também, mas sempre durante o uso de “sua linguagem desleixadamente espontânea e natural” (p.338)

Ao partir para a classificação, faz tal qual Vendryes e como é feito até hoje: pelo som (Fonologia).

Uma possível proposta de classificação

Antes de começarmos a traçar o panorama da proposta de classificação, constante na leitura do material de Mário de Andrade apresentada por Pinto (*opus cit*), apontamos que a denominação escolhida por Mário de Andrade parece-nos assentada nos pressupostos de Vendryes. Na terminologia “Psicologia de.....” pode-se ouvir a voz do linguista francês:

On peut imaginer aussi une classification psychologique, qui ne reposerait pas seulement sur la nature des représentations enfermées dans les mots, mais sur l'importance que l'esprit attache à ces représentations (VENDRYES, 1921, p. 158).

Fonologia

Já dá início a esta parte de forma instigante:

Gramatiquinha – Língua Brasileira

Inda não existe. No entanto na pronúncia temos já uma língua inteiramente apartada da fala portuguesa. Essa pronúncia e todos os [sic] fenomenologia fonética já nos teriam levado pra outra fala si não fosse reação erudita (PINTO, p. 341).

-- e passa a discorrer sobre exemplos do falar brasileiro de regiões distintas, mas alerta:

Na realidade não tem grande diferença entre o brasileiro falado no Ceará, em São Paulo e no R. Grande do Sul. É uma diferença muito mais oral porque a vocabular é pequena. A diferença vocabular é só aparentemente grande e provém das necessidades locais (opus cit., p. 342)

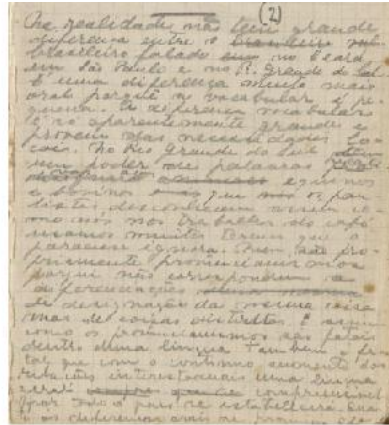


Figura 8 – Trecho da Gramatiquinha, in ALMEIDA, opus cit. p. 99)

-- continuando com exemplos, como: Abóbora = abobra / Chácara = chacra, etc.

No item 2º Traz um lembrete a si mesmo: “Dar uma descrição e exemplificação geral, o mais completas possível, da pronúncia da região” (PINTO, *opus cit.*, p. 343), com observações acerca de peculiaridades vocálicas e consonantais, encurtamento das proparoxítonas, timbre, ciciosidade, troca de consoantes por vogais, e uma série de outras características do português oral.

Depois, faz uma breve resenha do “Congresso de Língua Nacional Cantada”, texto que fora publicado em *Dom Casmurro*, n 15, de agosto de 1937.

Nos Anais do referido evento, começa alertando:

Não sei, Meus senhores, si estais bem conscientes da insensatez maravilhosa da nossa decisão de nos reunirmos neste Congresso da Língua Nacional Cantada. Enquanto a política rosna lá fora, fundando imperialismos absurdos, nacionalismos estufados e mil e uma facetas, por onde se odiarem os homens; através dos espaços arejados os congressos se correspondem na insensatez aparente da paz, do saber e da arte.(...) (p.717)

Segue-se a *Ortografia*, com também anotações do que viria a constituir a parte: uma que trataria das palavras acentuadas e outras com traços de união.

Passa, depois, para a *Lexeologia*, apresentando uma série de lembretes que escreve a si mesmo, começando por *Palavra*: “Distinguir a palavras das partículas sintáticas que são as preposições, as conjunções, os artigos e os adjetivos determinativos” (PINTO, p.355). Depois, refere-se às divisões em classes, parecendo-nos muito ancorado em Vendryes (*opus cit*), novamente. Diz: “O estarem as palavras descriminadas [sic] pelas várias categorias: substantivo, adjetivos, verbos, etc. não é sinão um meio de fixação de conceito psicológico perfeitamente exato porém não intangível” (PINTO, p. 336).

Vendryes, em sua obra *Le Langage*, assim assevera:

Le langage est complexe; il touche à des disciplines variées et intéresse diverses catégories de savants. C'est un acte physiologique en ce qu'il met en œuvre plusieurs organes du corps humain. C'est un acte psychologique en ce qu'il suppose l'activité volontaire de l'esprit. C'est un acte social en ce qu'il répond à un besoin de communication entre les hommes. (Prefácio, p.1 e 2)

Prosseguindo, propõe-se a falar do substantivo, anotando considerações que, possivelmente, seriam relevadas na escritura da obra, e que nos parecem bastante ancoradas em gramáticas do século XIX, como, por exemplo, a de Soares Barbosa,. Diz: “Os pronomes são uma divisão dos substantivos(...)” (PINTO, p. 357).

Por vezes, inova, causando-nos, inclusive, estranheza, quando anota: “A frase é um substantivo. Mesmo si falo:”Você é burro” eu criei um substantivo, isto é uma entidade qualificativa”(PINTO, p.358)

As páginas que seriam dedicadas a Adjetivo, Pronome, Advérbio, Numerais e Preposições vêm vazias, ou seja, nada nelas fora anotado. Em *Preposições*, anota apenas *Regência* e em *Conjunções*, apresenta um exemplo: ” Fez uma brecha que a moça caiu”. Este ‘que’ é pura conjunção, está por ‘e’. Pôr reparo porém que é conjunção causal” (PINTO, p. 371).

Seu estudo do *Verbo* apresenta várias anotações de formas verbais, empregadas por autores brasileiros, em desacordo com o constante nas gramáticas de Língua Portuguesa, como: “Sube por soube. José de Alencar já empregou em nº 337, vol.2, p.208” (PINTO, p. 360).

Além disso, aponta a tendência da omissão pronominal em determinados verbos:
“(...) a que horas você levanta, heim ? “ (*opus cit*, p. 360)

O capítulo que se apresenta com mais anotações, curiosamente, é o relativo à *Interjeição*, lembrando que essa é a única classe, “remanescente esporádico da linguagem primitiva” que permaneceu entre nós. (PINTO, p. 364).

Prossegue com *Formação de Palavras*. Neste pretense capítulo chama-nos especial atenção a seguinte anotação -

O que fala o brasileiro tem o direito em vista da expressão momentânea de criar a voz ou vozes que quiser, sem que isso venha propriamente a ver com a língua brasileira mesmo si essa invenção vem escrita. É assim que a todo momento em vista da expressão momentânea a gente escuta palavras que não existem, não registradas e que não devem mesmo ser registradas pelos vocabularistas porque não têm existência imprescindível (PINTO, p. 372 e 373).

- visto que, frente, a tantas observações inovadoras, um parecer tão conservador, nem parece ter sido feito por ele. Chama-as de *Palavras transitórias*. Para reforçar nossas suspeitas, cita Mario Barreto, em *Através do Dicionário e da Gramática*, p.215 (PINTO, p.374). Mais à frente, contudo, volta a ser o Mário de Andrade que conhecemos, ao asseverar: “Uma constatação importante é esta a que cheguei: Não tem ‘brasileirismos’. Desde que um fulano fale uma palavra ou esse modismo se generalize, ele faz parte da língua.(...)” (PINTO, p.377).

Finaliza propondo um novo esboço para o capítulo de Lexeologia:

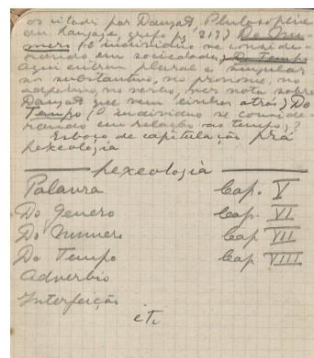


Figura 9 – Trecho da Gramatiquinha – in ALMEIDA, opus cit, , p. 100

Sintaxe

As anotações constantes nesta parte também não são de grande volume. Quer - nos parecer que ele pretendia mais tratar sobre dicção e emprego de determinadas classes gramaticais do que, de fato, seguir o modelo da gramática que lhe era habitual.

Não podemos em momento algum nos esquecer, contudo, de que por vezes ele assegurava que *A Gramatiquinha* seria uma obra de ficção, não um compêndio por onde se pudesse aprender gramática.

Psicologia do substantivo, artigo e pronome

Recordemo-nos de que na definição de substantivo, anotara que frase seria uma espécie dele. Agora, em Sintaxe, começa indagando-se: “A frase é mesmo uma entidade substantiva? Observar, estudar psicologicamente bem isso: sobretudo em relação ao conceito de substantivo (...)” (PINTO, p. 382).

O mais interessante nesse capítulo é o quando ele se autoquestionava e se propunha a ler, reler e estudar tais e tais assuntos. Talvez, por isso, diversas vezes também assegurava, modestamente, que não era um grande conhecedor de Língua Portuguesa.....

Prosseguindo, parte para o *Emprego do substantivo* aproximando-se, como já falado, a Vendryes, sem fazer anotação nenhuma, ao contrário do que ocorre com a *Psicologia do Pronome*, sobretudo em relação à tendência brasileira da próclise. Alerta: “Necessidade de não se preocupar com a eufonia. As famosas leis de eufonia não são si não assombrações” em desacordo com Said Ali (1908, p. 58), para quem a colocação pronominal em nossa língua é uma questão de ouvido:

Estas regras mostram que sempre há mais ordem do que se supunha na aparente balbúrdia pronominal. Outras ainda comportará o infinitivo sem flexão, regido de uma das aludidas partículas; será, porém, mais custoso descobrir para elas fórmulas claras e corretas. Vagamente falando, não se erra dizendo que **é questão de ouvido**. Escapam, de fato, à sintaxe, escapam à gramática tradicional, mas não se engana na aplicação prática quem tem o sentimento da linguagem (Grifo nosso).

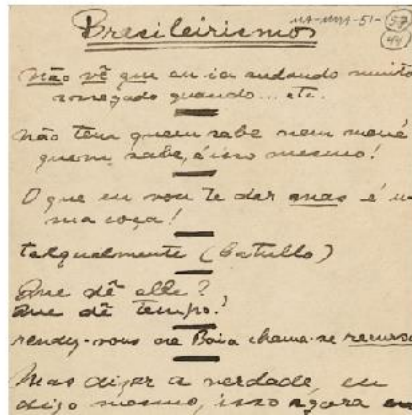


Figura 10 – Trecho da Gramatiquinha in ALMEIDA, p. 279)

Relaciona na sequência exemplos e mais exemplos de casos de próclises com vários pronomes, citando as fontes, parece que para reforçar o que disse num determinado momento em suas anotações “O importante é não inventar”.

Psicologia do verbo

Nestas anotações o que mais aparecem são exemplos do que chama de *brasileirismos*, como: “Guardados – substantivo usado no plural” e, a título de exemplo, cita: “Eu estava mexendo nos meus guardados.” (PINTO, p. 391).

Exemplos como tais mostram que havia trechos que ainda poderiam ser revistos para que decidisse posteriormente em que parte apareceriam efetivamente na edição final.

Psicologia do limite

Começamos esclarecendo o que Mário de Andrade compreende como *limite* às classes do adjetivo e do advérbio. Assim, traz uma série de exemplos do nosso falar em que esses aparecem de forma bastante nossa: “Que tal o concerto? Assim-assim” (PINTO, *opus cit.* p. 394), ou a dupla negação: “Não é não”, “Não vence não”. (p. 396). E ainda a negação posposta: “Viu o artigo de hoje ? Vi não”. (p. 397).

No item seguinte, que diz respeito à Pontuação, suas anotações reterem-se sobretudo ao hífen, como em: “O hífen enfraquece o volume da palavra e lhe diminui a plasticidade torna mais lenta a visibilidade, e intelectualiza criticamente a compreensão

da palavra chamando a atenção pros seus componentes” (PINTO, p. 399), revelando sua antipatia em relação a ele, com a qual comungamos.

Finalizando a sintaxe, anota: “Dar uma enumeração geral e exemplificação dos brasileirismos sintáticos de uma região” (PINTO, p. 400), parecendo contradizer o que dissera em outras anotações, como na replicamos a seguir:

Na realidade não tem grande diferença entre o brasileiro falado no Ceará, em São Paulo e no R. Grande do Sul. É uma diferença muito mais oral porque a vocabular é pequena. A vocabular é só aparentemente grande e provém das necessidades locais (*opus cit.*, p.342).

-- enumerando diversos casos, como de colocação pronominal, variação dos pronomes, exclusão, italianismos, emprego de “será” interrogativo, etc.

Parte, então, para Estilística.

Estilística

Começa as anotações retomando determinadas “Psicologias”, iniciando pela do verbo, para relacionar casos do nosso falar, como os (anteriormente inexistentes) brasileirismos:

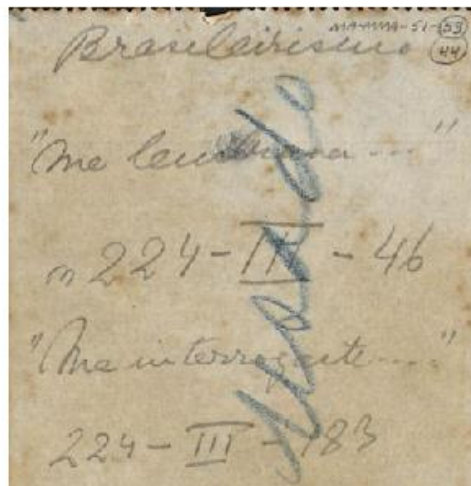


Figura 11 – Trecho da Gramatiquinha, in ALMEIDA, p. 293)

E novamente reforça a questão da frase ser substantivo, revelando que fica matutando acerca de um determinado conceito, mas, nesse caso, infelizmente, parece não chegar à nenhuma conclusão.

Seguem-se figuras (Figuração), como elipse, pleonasma e anacoluto e os vícios, em que anota: “Atacar os arcaísmos, as palavras rebuscadas e pedantes e os termos científicos e inúteis, desde que o livro não seja técnico” (PINTO, *opus cit.*, p. 407), ou seja, até então parece não ter se decidido se o livro seria ficcional (como já escrevera) ou técnico.

Dentre as anotações, uma mostrou-se especialmente peculiar. Diz Mário de Andrade: “O principal vício de linguagem é a demonstração imediata que o indivíduo procura escrever bonito. ‘Bucentauro dogal num canal de Veneza’ é vício de linguagem”. (PINTO, *opus cit.*, p. 407).

Seguem-se poucas anotações sobre prosa e poesia e finaliza com “estilo”, anotando que há dois: o nobre e o familiar.

Termina com anotações acerca da *Gramatiquinha*, repetições ampliadas do que falara anteriormente, partindo para anotações sobre “Evolução da Língua e da sociedade no Brasil.”

Evolução da Língua e da sociedade no Brasil

Nesta parte, parece traduzir nossa sociedade em segmentos temporais: o Brasil colônia, quando falávamos o português de Santa Rita Durão, por exemplo; O Brasil romântico, em que dávamos início, segundo ele, ao processo de libertação e inaugurávamos o Português Brasileiro. Depois, o Brasil republicano, em que a imitação a modelos de fora parece-lhe muitíssimo estranha, até chegarmos “inconscientemente um dia a conjugar de novo sob o ponto-de-vista da expressão verbal, o povo e a elite escrevedora” (PINTO, *opus cit.*, p.413).

Na sequência passa para a Psicologia da Fala Brasileira, como veremos a seguir:

Psicologia da Fala Brasileira

Esta é a última parte da *Gramatiquinha* e com a qual finalizamos o panorama. Ela antecede *Posfácio*, do qual já tratamos, e nela, aponta poeticamente as características de nosso povo, reveladas por meio de nossa língua, já que, nos passos de Vendryes (*opus cit*), entende-a como fator social: “Caracteres psicológicos do brasileiro: carinho, pegafocismo, sensualidade, calor na sonoridade(escrito), verdadeira musicalidade no oral que nem com as crianças (...)” (PINTO, *op. cit.* p. 416).

Conclusão

Começamos relembrando que nosso objetivo neste trabalho foi o de prestar uma homenagem a Mário de Andrade, neste ano em que comemoramos os cem anos da Semana de Arte Moderna,

Para tal, propusemo-nos fornecer ao leitor um panorama da *Gramatiquinha da Língua Falada*, ancoradas, principalmente em PINTO (1990) e ALMEIDA (2013), sem nos preocuparmos demais numa sequenciação rigorosa dos fatos, até porque tanto a obra quanto o autor assim o impõem.

Pois bem, chegamos ao final desse panorama e esperamos ter, por meio dele, possibilitado uma visão geral do que pretendeu o autor de *Paulicéia Desvairada*.

De densas e importantes anotações, a outras ditas e reditas, percebemos um Mário de seu tempo: era momento de mudanças... O país começava a entender-se e, efetivamente, emancipar-se da colônia, embora, muitas vezes se visse com hábitos e costumes importados....

O Grupo dos Cinco enxergava uma necessidade de mudança, de assumirmo-nos enquanto povo e desvincularmo-nos dos modelos europeus, e Mário de Andrade, rompendo grilhões, inovou na literatura, brilhou nas letras, enveredou pela música, questionou usos e costumes e deixou-nos, infelizmente inacabada, uma obra que muito revela sobre nossa língua, sobre si e sobre aquele momento tão peculiar em nossa história.

Referências

ALENCAR, J. de. *Como e por que sou romancista*. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bv000311.pdf#:~:text=%E2%80%9CComo%20e%20Porque%20Sou%20Romancista,em%201893%2C%20pela%20Tipografia%20Leuzinger>. Acesso em: 3 fev. 2022.

ALENCAR, J. de. *Diva*. Versão Digital da Biblioteca Nacional, 1864. Acesso em 2 fev. 2022.

ALMEIDA, A. N de. *Edição genética d'A Gramatiquinha da fala brasileira de Mário de Andrade*. Universidade de São Paulo, Dissertação de Mestrado, 2013.

AMARAL, A. *O dialeto caipira*. São Paulo: Editora Anhembi Limitada, 2. ed., 1955.[1920]

ANDRADE, M. de. *A escrava que não é Isaura*. Rio de Janeiro: Fronteira, 2010 [1925, Livraria Lealdade].

ANDRADE, M. de. *A Gramatiquinha da Fala Brasileira*. Ed. organizada por Edith Pimentel Pinto. São Paulo: Duas Cidades, 1990.

ANDRADE, M. de. *Exposição de motivos*. In: Anais do Primeiro Congresso da Língua Nacional Cantada. São Paulo: Departamento de Cultura, 1938.

ANDRADE, M. de. *Paulicéia Desvairada*. São Paulo: Casa Mayença, 1922.

BARROS LEAL, T. *Por um Projeto para o Brasil: José de Alencar e a Polêmica em torno das cartas sobre a Confederação dos tamoios*. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/embornal/article/view/3181/2695>. Acesso em: 3 fev. 2022.

BECHARA, E. *José de Alencar e a chamada língua brasileira*. Disponível em: http://www.repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/2950/1/1979_Art_E_Bechara. Acesso em: 3 fev. 2022.

FÁVERO, L. L. *Querelas gramaticais: Alencar e a questão da “Natureza da Língua Falada no Brasil!”* Trabalho apresentado no Congresso América 92 - São Paulo, 1992.

PINTO, E.P. *A Gramatiquinha de Mário de Andrade – Texto e Contexto*. São Paulo: Duas Cidades, 1990.

RANGEL, A. *Inferno verde: Cenas e Cenários do Amazonas*. Tours: Typographia Arrault e Cia, 1927.

SAID ALI, M. *Dificuldades da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Laemmert, 1908.

VENDRYES, J. *Le Langage*. Paris: La renaissance du livre, 1921.

Sites Consultados:

Mundo Educação: <https://mundoeducacao.uol.com.br/literatura/mario-andrade.htm>. Acesso em: 2 fev. 2022.

Revista Galileu: <https://revistagalileu.globo.com/Cultura/noticia/2018/02/7-curiosidades-sobre-mario-de-andrade-precursor-do-modernismo.html>. Acesso em: 2 fev. 2022.

<https://www.burkeinstituto.com/blog/literatura/jose-de-alencar-um-nome-que-nao-pode-ser-esquecido-tampouco-endeusado-parte-i/>. Acesso em: 3 fev. 2022.

<https://www2.senado.leg.br/bdsf/handle/id/242822>. Acesso em: 8 fev. 2022.

VERBUM – CADERNOS DE PÓS GRADUAÇÃO – ISSN 2316-3267